

***Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.***

Av. António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

www.incm.pt  
www.facebook.com/INCM.Livros  
editorial.apoiocliente@incm.pt

© *Idalina Maia e Imprensa Nacional-Casa da Moeda*

*Título:* O Problema do Conhecimento em Francisco Sanches

*Autor:* Idalina Maia

*Design de capa:* Silvadesigners

*Livro composto em:* Futura BT e Adobe Caslon Pro

*Impresso em:* Chromocard (capa), Coral Book Ivory (miolo)

*Impressão e acabamento:* INCM

*Concepção gráfica:* INCM

*Revisão:* Ana Isabel José

*Tiragem:* 1000 exemplares

*1.ª edição:* Julho de 2013

*ISBN:* 978-972-27-2170-7

*Depósito legal:* 356 022/13

*Edição n.º* 1019435





## Índice

- 11 **Agradecimentos**
- 13 **Introdução**
- 47 **Capítulo I — Sanches — Vida e obra**
- 55 **Capítulo II — A abordagem sanchesiana do problema do conhecimento**
- 55 1. O tema do conhecimento e a possibilidade de assunção de diversas perspectivas
- 59 2. *Onde e porquê* se fazem sentir as críticas de Francisco Sanches
- 60 3. As críticas dirigidas por Sanches aos modelos aristotélicos de ciência
- 66 4. A crítica sanchesiana do modelo platónico de saber
- 68 5. A importância desta fase «desconstrucionista» no quadro da filosofia do conhecimento de Sanches
- 73 6. A importância da *Dúvida* no âmbito desta fase desconstrucionista e na antevisão dos procedimentos necessários para a edificação de um novo saber
- 79 7. A fase *construtiva* da tematização sanchesiana: a importância dos sentidos e da razão na percepção da realidade e na construção de um conhecimento «relativo»
- 85 8. Que indícios nos levam a associar as posições de Sanches ao movimento nominalista?
- 89 9. A importância da experiência no âmbito do pensamento (nominalista) de Sanches
- 90 10. A noção de *experiência* no renascimento português
- 93 11. O que se entende por *empirismo sensorial* e por *racionalismo experiencial*
- 94 12. A posição de Sanches no quadro do experiencialismo: o papel dos sentidos e da razão
- 96 13. O que é o conhecimento para Sanches e qual o papel que nele desempenham a *experiência* e a razão
- 101 14. Os três elementos que caracterizam o processo cognitivo segundo a perspectiva de Sanches
- 101 14.1. O sujeito cognoscente
- 106 14.2. A coisa conhecida
- 107 14.3. Conhecimento

- 108 15. Consequências/leituras antropológicas da proposta filosófica de Sanches
- 114 16. A importância da matemática (geometria) na filosofia de Sanches
- 118 16.1. A importância da segunda carta-consulta a Cristóvão Clávio para o desenvolvimento do pensamento matemático de Francisco Sanches

### 127 **Capítulo III — A natureza em Sanches**

- 127 1. A complexidade do tema da natureza; a natureza como objecto privilegiado de discussão
- 140 2. O papel da natureza no quadro da posição epistemológica de Sanches
- 143 3. A relação entre o homem e a natureza
- 149 4. A importância de Deus no quadro da filosofia da natureza de Sanches

### 153 **Capítulo IV — A pedagogia em Francisco Sanches**

- 153 1. A influência da *escola* na Idade Média. Sabedoria vs. Eloquência: o conflito entre filosofia e retórica
- 166 2. As linhas mestras que subjazem ao problema da pedagogia em Francisco Sanches
- 168 3. Os grandes obstáculos a uma pedagogia *ideal*
- 168 3.1. A *finitude* dos recursos humanos e a *incompetência* no ensino
- 170 3.2. A proliferação das escolas filosóficas; seus efeitos
- 171 3.3. A necessidade de um bom método em pedagogia; sua relação com o problema do conhecimento
- 173 4. O *conhecimento* e a *verdade* como os objectivos por excelência da pedagogia
- 174 5. Dizer bem vs. Dizer a verdade; o papel das *palavras* no discurso verdadeiro

### 179 **Capítulo V — Sanches, precursor da modernidade**

#### 195 **Conclusão**

#### 199 **Bibliografia**

- 199 1. Obras de Francisco Sanches
- 200 2. Bibliografia consultada sobre Francisco Sanches
- 201 3. Bibliografia geral

*Aos meus pais, ao Urbano,  
por tudo...*



## Agradecimentos

Este ensaio é uma edição revista da minha dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre em Filosofia.

Renovo, neste momento, o agradecimento ao Prof. Doutor Pedro Calafate, que nos prestou uma ajuda preciosa na condução do trabalho que ora culmina nesta publicação.

Fica também o agradecimento à Fundação para a Ciência e a Tecnologia e ao FSE pelo imprescindível apoio financeiro que nos foi prestado ao abrigo do III Quadro Comunitário de Apoio.

Por último, é tempo de agradecer aos meus pais, Dulce e Joaquim Maia, e ao meu marido Urbano. A respeito destas três pessoas, tudo quanto possa dizer será muito pouco, dada a atenção, a ajuda, o carinho e o apoio que sempre me manifestaram. Agradeço-lhes, pois, de forma singela, o facto de estarem sempre a meu lado e de o fazerem como parte integrante da minha vida. A eles, o meu enorme obrigada.





## Introdução

O Renascimento é, a todos os títulos, um conceito muito amplo, o que impede que se encontre uma designação unívoca capaz de exprimir toda a diversidade que precisamente define o período renascentista<sup>1</sup>. Essa diversidade deve todavia ser encarada como um

---

<sup>1</sup> A respeito desta dificuldade em definir o Renascimento em termos simples, diz William Wallace: «The diversity of sources from which it sprang [...] argue against its ever having been a monolithic system of thought [...], hardly capable of being characterised in simple terms.» (William Wallace, «Traditional Natural Philosophy», in *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*, Cambridge University Press, p. 201.) Embora Wallace se estivesse a referir concretamente à filosofia natural do Renascimento, julgamos que esta descrição se ajusta bem ao conjunto de todo o movimento renascentista. Também Paul O. Kristeller se refere à complexidade do termo «Renascimento»: «O termo Renascimento foi causa de muitas discussões e controvérsias, e tem sido definido de modos muito variados.» Sem pretender participar neste complexo debate, Kristeller não deixará de referir que para si o termo Renascimento significa aquele período da história ocidental que vai desde 1300 ou 1350 a 1650. Entretanto, ao reflectir sobre os motivos que estão na origem da supra-referida controvérsia em torno do significado deste conceito de Renascimento, o autor dirá: «The controversies concerning the meaning of this period in Western history are partly due to national, religious, and professional ideals and preferences that have influenced the judgment of historians, and partly to the great complexity and diversity that belongs to the period itself and which will necessarily be reflected in the accounts of modern historians, depending upon those aspects which they choose to emphasize.» (Paul Oskar Kristeller, *Renaissance Thought and its Sources*, editado por Michael Mooney, Nova Iorque, Columbia University Press, 1979, p. 106.) Mas há ainda outros factores que, segundo Kristeller, permitem compreender melhor a razão de ser da diversidade que caracteriza este período: «Even within the same time and geographical area, different subjects and professions do not present a

capital importante do Renascimento, como um factor de distinção que merece ser realçado, e não tanto como uma debilidade que o fragiliza. É de resto nessa perspectiva que devemos enquadrar a diversidade de posições que coexistem no período renascentista, inclusive como veremos um certo revivalismo do platonismo (em autores como Nicolau de Cusa, Marsilio Ficino e Pico) e do próprio aristotelismo (como Pietro Pomponazzi ou Zabarella). Daí também que não se possa dizer, embora pareça tentador fazê-lo<sup>2</sup>, que o Renascimento é uma época de ruptura com tudo aquilo que vinha da Idade Média. Embora pareça paradoxal, uma das características mais constantes do Renascimento é precisamente uma mudança permanente e uma transformação contínua de posições, o que não obsta todavia a que se possa surpreender alguns importantes traços de continuidade com a Idade Média<sup>3</sup>. Sem isso dificilmente compreenderemos a coexistência de perspectivas múltiplas que tantas vezes parecem inconciliáveis. Mas da relação entre a Idade Média e o Renascimento falaremos mais adiante em maior detalhe.

Entretanto, um dos aspectos que contribuíram decisivamente para esta diversidade que define o período renascentista é claramente o movimento humanista. «O humanismo foi um dos traços

---

homogeneous picture. We do not find, and we cannot expect to find a parallel development in political and economic history, in theology, philosophy, and the sciences, in literature and the arts. In the Renaissance, just as in our own time or at any other time, we must be prepared to encounter a number of crosscurrents and conflicting currents even within the same place and time and subject matter.» (Paul Oskar Kristeller, *ibidem*, p. 107.)

<sup>2</sup> «At one time it was fashionable to propose a sharp dichotomy between the philosophy of the Middle Ages and that of the Renaissance, as though their subjects of interest and methods were markedly different.» (*Ibidem*, p. 202.)

<sup>3</sup> Até porque não é só o Renascimento que é palco das grandes convulsões. A própria Idade Média (principalmente na fase tardia do período medieval) assistiu igualmente a um período de grandes transformações, muitas das quais terão continuidade no Renascimento. Referindo-se precisamente a esta evolução porventura tão complexa quanto aquela que marcou o Renascimento, escreve Kristeller: «Moreover, differences, for example, between the period of the barbaric invasions, the Carolingian age, and the twelfth or thirteenth century may seem even greater than those between the fourteenth and sixteenth centuries; and in the thirteenth century, after the rise of the universities, the specialization of learning and the diverse development of different sectors of civilization was as great, or nearly as great, as during the Renaissance.» (Paul Oskar Kristeller, *ibidem*, p. 107.)

mais difusos do Renascimento, e afectou de forma mais ou menos profunda *todos* os aspectos da cultura da época incluindo o seu pensamento e filosofia.»<sup>4</sup> Embora pareça tratar-se de uma «novidade» deste período, Paul Oskar Kristeller considera tratar-se de uma designação que é recuperada de um termo ainda mais antigo, o de *studia humanitatis*, utilizado por autores tão longínquos como Cícero para definir um programa para uma educação eminentemente literária. E manterá esse cunho de um programa intelectual e literário pelo menos até ao século xv. É ainda esta característica que levará autores como Kristeller a afirmar que o humanismo é mais um movimento literário e não tanto um sistema filosófico, embora o próprio reconheça não só que o humanismo influenciou de certa forma a filosofia (sempre de uma perspectiva externa à própria filosofia) mas também que ele próprio, enquanto movimento, contemplava disciplinas filosóficas como a ética e a moral (regressaremos a este tópico mais adiante). Diz Kristeller: «O humanismo tem o seu domínio próprio ou um território seu nas humanidades, enquanto todas as outras áreas da aprendizagem, incluindo a filosofia (à excepção da ética), seguiram o seu próprio curso [...] Essas disciplinas foram afectadas pelo humanismo fundamentalmente a partir de fora e de uma forma indirecta [...]»<sup>5</sup> Começa aqui a configurar-se uma cisão entre disciplinas literárias (gramática, retórica) e filosofia. De uma forma breve, pode dizer-se que essa oposição ganhará contornos mais concretos justamente face à insistência dos humanistas do século xv em «absolutizar» a retórica, em detrimento justamente da filosofia. Do lado oposto poderá surpreender-se, principalmente a partir do século xvi, a reacção daqueles que criticarão o ideal ciceroniano de eloquência que preside à tal tentativa de absolutização da retórica, numa reacção que constitui precisamente uma das manifestações mais

---

<sup>4</sup> «Humanism was one of the most pervasive though traits of the Renaissance, and it affected more or less deeply all aspects of the culture of the time including its thought and philosophy.» (Paul Oskar Kristeller, «Humanism», in *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*, Cambridge University Press, p. 113; itálico nosso.)

<sup>5</sup> «Humanism has its proper domain or home territory in the humanities, whereas all other areas of learning, including philosophy (apart from ethics), followed their own course [...] These disciplines were affected by humanism mainly from the outside and in an indirect way [...]» (*Ibidem*, p. 114.)

comuns do platonismo renascentista, que oferecia não apenas uma alternativa à escolástica, severamente criticada neste período, mas que continha ainda um manancial de argumentos contrários às pretensões da retórica, que em certos pontos serão reeditados pelos humanistas a partir do século XVI. Entretanto, seria precisamente esta importância atribuída às questões de linguagem, por um lado, e à recuperação dos clássicos, por outro, que estariam na base da crítica humanista à escolástica: a pouca relevância conferida às questões de eloquência e o desconhecimento dos grandes modelos clássicos serão dois dos principais argumentos que serão apontados pelo humanismo renascentista contra a escolástica e os filósofos escolásticos. Porém, a linha divisória entre Idade Média e humanismo renascentista que aqui se parece ter estabelecido deve ser de alguma forma relativizada. Com efeito, seria um erro sustentar que o estudo da literatura clássica foi esquecido como um todo durante a Idade Média, da mesma forma que seria incorrer em erro se não reconhecêssemos que o património da literatura latina foi claramente ampliado em consequência precisamente dos descobrimentos humanistas e da sua intensa actividade intelectual. Reforçando precisamente a importância dos humanistas para a apreciável ampliação em termos de conhecimento dos clássicos, Kristeller afirma: «O profundo interesse na literatura clássica e na história que era comum a todos os humanistas não se exprimia apenas nas suas actividades enquanto copistas e editores. Antes que um texto possa ser copiado ou editado, era necessário localizá-lo ou descobri-lo [...] A procura de velhos manuscritos dos clássicos Latinos por toda a Europa era uma das preocupações preferidas de muitos destacados humanistas [...] Eles [...] encontraram não apenas manuscritos de conhecidos escritores clássicos mais velhos, melhores ou mais completos, mas descobriram ainda escritos que não eram bem conhecidos ou lidos durante os séculos medievais precedentes.»<sup>6</sup> Para além destas importantes actividades de filo-

---

<sup>6</sup> «The deep interest in classical literature and history which was common to all humanists was not only expressed in their activity as copyists and editors. Before a text could be copied or edited, it had to be located or discovered [...] The search for old manuscripts of the Latin classics all over Europe was a favourite concern of many leading humanists; [...] They [...] found not only older, better, or more complete manuscripts of known classical writers, but also

logistas, de copistas e editores, os humanistas produziram também um vastíssimo corpo de comentários sobre autores latinos, que decorria da sua actividade enquanto pedagogos e educadores<sup>7</sup>. A importância da sua actividade de tradutores deve igualmente ser realçada. Com a tradução para latim de quase toda a literatura grega então conhecida<sup>8</sup>, os humanistas permitiram que se generalizasse o conhecimento dessas obras, com benefícios óbvios em termos da aprendizagem, que não apenas era agora mais difusa (quer dizer, já não se dedicava exclusivamente a um auditório de especialistas), como mais diversificada, permitindo definir novas metas e rasgar novos horizontes.

Dos autores antigos, um dos que mais foram admirados e seguidos pelos humanistas foi Cícero. Como também reconhece Kristeller, o humanismo renascentista representa uma «época de ciceronismo», marcada por um interesse generalizado pelo estudo e imitação de Cícero. Os seus discursos, cartas e diálogos eram tidos como modelos a seguir nas mais diversificadas áreas do saber; a aliança entre retórica e filosofia defendida por Cícero constituirá para os humanistas, em especial os do século xv, um ideal que procurarão

---

discovered additional authors or writings that had not been well known or read during the preceding medieval centuries.» (*Ibidem*, p. 119.)

<sup>7</sup> Kristeller admite que para a produção desse conjunto literário tenham também contribuído os gramáticos medievais, embora esteja por apurar a exacta proporção dessa contribuição e a sua importância, mas não há dúvidas de que ela assinala mais um elo de ligação entre Idade Média e humanismo renascentista. Além disso, refere Kristeller, no Oriente Bizantino, no decurso dos séculos medievais, há registos de que também se estudaram os clássicos gregos, que de certa forma terão influenciado os humanistas (que, como se sabe, introduziram o estudo do grego nas universidades), embora seja igualmente difícil avaliar com precisão o alcance dessa influência. Em todo o caso, fica assinalado outro ponto de intersecção entre Idade Média e Renascimento. Cf. Paul Oskar Kristeller, «Humanism», in *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*, Cambridge University Press.

<sup>8</sup> «During the fifteenth and sixteenth centuries, the humanists translated into Latin practically all classical Greek authors then available, some of them more than once, and many for the first time, as well as making new translations of those texts that had been available in medieval Latin translations. These translations introduced for the first time practically all of Greek poetry, oratory and historiography as well as sizeable proportion of Greek writings on mathematics, geography, medicine and botany, and also Greek patristic literature.» (*Ibidem*, p. 120.)

pôr em prática por todos os meios e que será consubstanciado numa versão em tudo idêntica à de Cícero, a saber, a da síntese entre sabedoria e eloquência. Tratar-se-á de um debate intenso que ocupará os grandes autores dos séculos xv e xvi, sendo que numa parte estão aqueles para quem a simples eloquência bastava, com o argumento de que a eloquência serve melhor o propósito de obtenção da verdade que a própria dialéctica e que, portanto, a sabedoria seria ela própria indissociável da eloquência; do lado contrário estão aqueles, como Giovanni Pico della Mirandola, que não aceitam esta primazia concedida à eloquência e à retórica e que pretendem mostrar que a retórica é apenas um acessório cujo fim se esgota no adorno do discurso e que, no limite, pode até ser dispensado. Para que uma teoria seja válida, importante é avaliar o seu conteúdo, e não tanto a sua forma. Encontraremos resquícios claros desta tomada de posição contra a autonomização do pleno formal ou retórico em Francisco Sanches. Como veremos em maior detalhe, Sanches associa a retórica à função do «bem dizer», o que por si só já representa um desvio face àquilo que verdadeiramente pretende, que é o «dizer com verdade»; ora se para além disso transformarmos este «dizer bem» na primeira das nossas prioridades, ou se elegermos a forma em prejuízo do conteúdo daquilo que se diz, então a retórica assume-se como um obstáculo à clareza e simplicidade que são exigidas na procura do «dizer com verdade», sendo que é esse objectivo, e nenhum outro fim acessório, que nos deve mobilizar.

Outro contributo importante do humanismo para o enriquecimento da própria época renascentista terá sido a importância concedida ao homem, o destaque da sua centralidade e o lugar privilegiado que ocupa no universo, assim como a sublimação da dignidade da sua condição. Apesar da coexistência de múltiplos pontos de vista sobre o tema, nem sempre coincidentes mesmo no contexto do próprio renascimento italiano, a centralidade do homem é claramente um marco renascentista importante<sup>9</sup> (embora

---

<sup>9</sup> «The dignity of man became a favorite theme of Humanistic oratory and served as the starting-point for the speculative idea of human dignity we encounter in both Ficino and Pico.» (Ernst Cassirer, Paul Oskar Kristeller, John Herman Randall, *The Renaissance Philosophy of Man*, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1971, p. 19.)

se possa dizer que essa «glorificação do homem» já existisse na literatura grega), enfatizada por autores como Francesco Petrarca, Marsilio Ficino<sup>10</sup>, Pietro Pomponazzi e Pico<sup>11</sup>. Outros houve, porém, como Montaigne, que preferiram destacar a fraqueza do ser humano ou a situação menos favorável em termos do lugar que ocupam no universo. Apesar «de esta glorificação do homem ter sido um dos temas favoritos da primitiva literatura renascentista», ela produziu «durante o século XVI uma forte reacção». Essa reacção é bem evidente, como dissemos, em autores como Montaigne: «[...] Montaigne usou habilidosamente toda a literatura e todos os mecanismos intelectuais do Humanismo italiano para ridicularizar essa glorificação e para a tornar no seu oposto.»<sup>12</sup> O próprio Francisco Sanches parece apontar nesse sentido, ao chamar à colação a fraqueza característica dos seres humanos, que se traduz designadamente no seu desempenho em termos de conhecimento. Em todo o caso, ao mesmo tempo que destaca essa fragilidade constitutiva dos homens, Sanches parece simultaneamente fazer um apelo para que o reconhecimento dessa fragilidade se converta positivamente na assunção de maiores responsabilidades por parte dos homens

---

<sup>10</sup> No texto supra-referido podemos encontrar uma boa sùmula das propostas de Ficino quanto ao lugar que considera devido aos homens: «Ficino emphasizes man's skill in the arts and his universality; he assigns to the human soul the central place in the hierarchy of the universities.» (*Ibidem.*)

<sup>11</sup> Ainda relativamente a este enaltecimento dos homens, Pico apresenta-se igualmente um marco importante nesse sentido: «Pico goes one step further in adding to man's universality his liberty and in making of man a separate world outside the hierarchy in which all other beings have a fixed place.» (*Ibidem.*) Eugenio Garin comenta também a centralidade conferida por estes autores ao homem. Referindo-se concretamente a Pico, afirma Garin: «Giovanni Pico determina com muita precisão o alcance subversivo da nova imagem do homem, que fazia consistir precisamente na sua independência de todas as espécies e formas pré-determinadas, quase assomado para além do mundo das formas, senhor não só da sua própria forma, mas também de todo o mundo das formas que, através das operações mágicas, podia combinar, transformar, renovar [...]» (Eugenio Garin, *Idade Média e Renascimento*, Imprensa Universitária, Lisboa, Editorial Estampa, 1988, p. 90.)

<sup>12</sup> «[...] Montaigne neatly used all the literature and intellectual devices of the Italian Humanists to ridicule that glorification and turn it into its opposite.» (Ernst Cassirer, Paul Oskar Kristeller, John Herman Randall, *The Renaissance Philosophy of Man*, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1971, p. 19.)



no que respeita à condução dos seus próprios destinos e, simultaneamente, numa exortação para a acção contra o imobilismo que pudesse advir de uma consciência fria dos seus limites. Tal exortação pode ser interpretada como uma tentativa de recuperar alguma da dignidade que aparentemente havia sido beliscada pela prévia exaltação da sua fragilidade estrutural enquanto seres humanos. Neste contexto, Sanches parece-nos um exemplo paradigmático da situação aparentemente «ambígua» do Renascimento face à definição do verdadeiro lugar dos homens no universo e da dignidade que lhes é devida. Por um lado, parece comprometer a centralidade da sua posição no universo ao apontar, como fez Montaigne, a fragilidade estrutural da sua condição; por outro lado, ao exortá-los para a acção está de certa forma a reconhecer que os homens são merecedores da tal dignidade que é defendida pelos entusiastas renascentistas do valor do ser humano. Esta vertente dúplice de um homem que, por um lado, perde a tradicional segurança que antes sentia com o reconhecimento dos seus limites, mas que, por outro lado, se sente impelido a agir ou a «reconstruir-se» é igualmente sublinhada por autores como Eugenio Garin. Diz o autor: «Não falta, decerto, o chamamento vivo e constante a uma nova construção. Também não falta a segurança de que o homem é realmente capaz de reconstruir-se a si próprio e o seu mundo; mas há em todos os momentos a consciência de que a segurança tranquila de um universo familiar e doméstico ordenado e adaptado às nossas necessidades está definitivamente perdida.»<sup>13</sup>

Tomada por fim como traço constitutivo do próprio Renascimento (embora se saiba que nesse período existam outras sensibilidades), a exaltação da dignidade humana constitui um aspecto que por sua vez contribuirá para um crescente apreço pela singularidade dos sentimentos, experiências, circunstâncias e opiniões. Embora se trate de um aspecto eminentemente *cultural* da própria época renascentista, dele encontraremos indícios claros ao nível da própria filosofia, designadamente ao nível da opção nominalista de alguns filósofos renascentistas, entre os quais o nosso Francisco Sanches. A valorização do homem, das circunstâncias e das experiências individuais constituirá a base para uma nova abordagem de temas importantes da filosofia e para a própria mundividência da época.

---

<sup>13</sup> Eugenio Garin, *Idade Média e Renascimento*, p. 84.

Essa valorização pode ser interpretada, já o sugerimos, como um passo importante no sentido de exortar os homens à assunção da sua responsabilidade na condução do seu próprio destino, que lhes confere necessariamente maiores responsabilidades mas que simultaneamente alça a sua condição de homens a uma dignidade singular. A exaltação das nossas experiências, das circunstâncias, por outro lado, é uma condição imprescindível para opções filosóficas como o nominalismo. O antigo debate em torno do nominalismo encontra um terreno fértil na valorização dos indivíduos, das experiências e das próprias circunstâncias, e precisamente por isso se afigura como uma alternativa mais atractiva para alguns filósofos renascentistas, que também partilhavam esses valores.

Esta intersecção entre humanismo renascentista e filosofia não deixará de ser reflectida por autores como Kristeller ou Eugenio Garin. Como já tivemos oportunidade de referir, Kristeller considera que o humanismo tem um terreno próprio e que os restantes domínios, como a filosofia, seguem o seu próprio destino sem qualquer tipo de influência directa ou interna por parte do humanismo, que apesar de tudo exerce um tipo de influência exterior por vezes forte. Segundo este autor, o humanismo renascentista é *essencialmente* um movimento cultural e literário e, portanto, não se tratava genuinamente de um movimento filosófico, embora tivesse, como prevê o próprio Kristeller, consequências filosóficas importantes. Para Kristeller, a única doutrina filosófica que logrou encontrar na literatura dos humanistas foi a crença no valor do homem e dos *studia humanitatis* (até porque, segundo o autor, se tratava de aspectos correlacionados, na medida em que a crença no valor do homem se ligava ao programa dos *studia humanitatis*<sup>14</sup>) e na renovação da sabedoria antiga. Já Eugenio Garin tinha um entendimento bem diverso da relação entre humanismo e filosofia. Segundo Garin, o humanismo representa claramente uma nova

---

<sup>14</sup> Já em Petrarca era possível surpreender esta associação entre o valor concedido ao homem e o programa dos *studia humanitatis*: «In ridiculing the questions of the logicians and natural philosophers of his time, Petrarca insist that they are of no importance for man and his destiny; and, in emphasizing the value of classical learning, he implies that it is of vital concern for man and his proper education — a conception that was soon to find direct expression in the program of the *Studia Humanitatis*.» (Ernst Cassirer, Paul Oskar Kristeller, John Herman Randall, *The Renaissance Philosophy of Man*, pp. 18 e 19.)

visão do homem, que por sua vez vem viabilizar uma nova forma de pensar. Garin comenta assim a tese segundo a qual o humanismo não é um movimento filosófico: «[R]epetir, como tem sido feito, que o Humanismo foi fenómeno não ‘filosófico’, puramente literário e retórico e que os humanistas foram apenas mestres de eloquência e gramática significa antes de mais aceitar como pacífica uma visão do filosofar que, pelo contrário, se encontra em discussão, e significa também não compreender esses *studia humanitatis*, essa ‘retórica’, essa ‘literatura’. Significa ainda esquecer que aquele movimento de cultura se afirmou, antes de mais, fora da ‘escola’, entre homens de acção, políticos, senhores, chanceleres de repúblicas e mesmo ‘condottieri’, mercadores, artistas e artesãos.»<sup>15</sup> Também Richard Popkin parece subscrever a posição de Garin, ao sublinhar que a influência das posições de alguns dos mais destacados humanistas não se cingiu simplesmente ao mero domínio «literário» e que mesmo quando eram feitas críticas à escolástica sob o pretexto de uma crítica literária, a influência dessa crítica ultrapassava largamente a esfera do literário<sup>16</sup>.

Entretanto, falar de Humanismo implica falar necessariamente ainda dos principais países de onde saíram as maiores e mais importantes orientações para esse movimento. Um desses países é indiscutivelmente a Itália<sup>17</sup>. Embora se trate de um tema que não é consensual, a avaliação que podemos fazer do humanismo

---

<sup>15</sup> Eugenio Garin, *Idade Média e Renascimento*, pp. 12 e 13.

<sup>16</sup> «Valla, Agricola, Vives and Ramus were not just insulting the logicians, or pointing out their ignorance of classical literature or the barbarousness of their Latin expression. Much more they were offering a technical analysis of what is involved in scholastic reasoning, why it is not a method of discovering new knowledge.» (Richard Popkin, «Theories of knowledge», in *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*, Cambridge University Press, p. 672.) Como dizíamos, a esfera de influência da produção humanista esteve longe de se cingir ao campo ou domínio literário, o que deveria acontecer, a fazer fé nos que, como Kristeller, afirmam que o humanismo é um movimento eminentemente literário. O que Garin vem dizer, e parece ser secundado por R. Popkin, é que o humanismo não esgota a sua influência na área da eloquência e gramática, mas que pelo contrário tem também eficácia ao nível da avaliação de temas eminentemente filosóficos como o conhecimento.

<sup>17</sup> «Humanism appeared in Italy toward the end of the thirteenth century. It was in part an outgrowth of the earlier traditions of professional teaching in rhetoric and grammar in the medieval Italian schools.» (Ernst Cassirer, Paul Oskar Kristeller, John Herman Radall, *The Renaissance Philosophy of Man*, p. 3.)

renascentista italiano deverá reconhecer que a Itália marcou decisivamente o seu destino, e que terá sido a Itália uma das primeiras plataformas que permitiu a extensão do pensamento humanista aos demais países da Europa Ocidental. A controvérsia em torno da avaliação deste período do humanismo renascentista existe porque, como é amplamente reconhecido, foi conseguido nesta fase um notável progresso ao nível dos estudos medievais, cujo efeito mais visível foi a rejeição da tese simplista segundo a qual a Idade Média é a Idade das trevas, bem como a ideia conexas de que a essa Idade obscurantista se sobreporia a «Idade da Luz», que corresponderia precisamente ao humanismo renascentista italiano. O perigo desta conclusão parece porém evidente: é que se concedermos aos entusiastas dos séculos medievais que esse período deve de facto ser espoliado de muito da sua conotação negativa, teremos necessariamente de reavaliar a própria necessidade de uma «nova era» ou de um «renascimento» que o próprio nome do movimento indica. Neste ponto, os humanistas contraporão que aquilo que define o movimento humanista é de facto algo singular, e que ainda que se encontrem vestígios de um renascimento intelectual já na Idade Média, ele estará ainda muito longe do vigor conseguido pelo movimento humanista. Outros há porém que insistem na defesa de que o Renascimento marca uma época que vem pôr cobro a um longo período de trevas, decadência e escuridão. Cesare Vasoli dá conta precisamente de alguns humanistas para quem o período medieval representa uma fase de decadência que só é ultrapassada pelo Renascimento: «Para esses indivíduos a única maneira de sair de séculos de escuridão, decadência e corrupção era voltar à antiga *sapientia* e recuperar a sua forma exemplar de viver e pensar, bem como a linguagem que constituía o seu veículo. Consequentemente o mito da *renascentia* e a noção próxima de ciclos históricos estão no coração do regresso aos antigos e no repúdio daquilo que era visto como uma maneira de pensar moribunda e bárbara, com os seus impenetráveis matagais de comentários e *quaestiones*, a sua linguagem e formalização lógica que estava tão distante dos modelos da antiguidade, a sua teologia e jurisprudência reduzidas a uma mão cheia de controvérsias obscuras e sofisticadas.»<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> «For these individuals the only way out of centuries of darkness, decadence and corruption was by returning to the ancient *sapientia* and recovering its exem-